

A HORA DO DRAGÃO

Raul Córdula

Conta-se que na China antiga, um pintor percorreu vales, desertos, montanhas e florestas a procura de uma paisagem para pintar. Quando a encontrou, numa curva do caminho, ele passou todo o dia a contemplá-la. No dia seguinte, tirou de sua mochila uma folha de papel e passou todo o tempo olhando a folha e a paisagem. No outro dia, pousou um pincel sobre a folha, e mais uma vez meditou o dia todo diante da paisagem. No quarto dia, o pintor completou seu pequeno arsenal com um bastão de Nanquim, a pedra de abrasar, uma taça da água pura para fazer a tinta, e continuou olhando os volumes da paisagem delineados pelas sombras desenhadas nas curvas das colinas e vales, e as árvores sinuosas sob o vento. Então, sem nenhum alarde, das nuvens desceu um dragão, tomou o pincel e pintou a paisagem.

Este pequeno conto taoista se parece com os processos criativos de artistas cujos caminhos levam a ações de iniciação, e cujas obras transitam pelo território do inconsciente, como acontece com Christina Oiticica.

A arte de Christina, apesar de sua forte presença estética, pouco se revela frontalmente; seu verdadeiro sentido é sutil e multifacetado, não se resolve apenas através da expressão, mas numa invenção de coisas carregadas de significados. Ela acumula sentimentos, idéias, memórias nos fragmentos do dia-a-dia, amontoado de pequenas coisas materiais que as atividades rotineiras deixam como resíduos em sua bolsa. Até aí, nada de novo.

Mas esses fragmentos transformam-se magicamente em outras coisas, e estas em outras, e ainda mais outras, conforme ela as contempla e se eleva a níveis mais altos de consciência. Associando idéias e memórias, ela constrói seus objetos, pinta seus quadros, traça seus desenhos e escreve seus textos. Os resultados são uma narrativa visual onírica, sensual, eivada de imagens poéticas e mágicas. Temos como que o espírito revisitado, mas carregado de uma atmosfera feminina que se revela nos fetiches com que recheia seus objetos e pinturas, fetiches do mar e da terra, da Europa e do Brasil, por onde ela transita constantemente pelos ares.

É possível flagrar a hora do dragão na arte de Christina, basta contemplar, procurar, decifrar, aguardar o momento em que as nuvens se configuram em formas que transitam entre o mundo da matéria e o mundo sutil, onde as dimensões estão além do espaço e do tempo, e somente existem os sonhos e as cidades imaginárias que os artistas costumam ver.